

5ª PARTE

DISCURSOS

Centenário de Waldemar Alcântara²⁵

Lúcio Alcântara

Um filho ao falar do pai incorre em dois riscos: o de derramar-se em excesso e o de conter-se em demasia. Para escapar desse alçapão da opinião alheia, decidimos minhas irmãs e eu delegar a tarefa ao talento isento da escritora Claudia Albuquerque, cuja obra estará disponível até o fim deste mês. Não irei, pois, maçar-vos com um extenso apanhado da vida do homenageado, senão agradecer ao Senado, instituição a qual ele, como eu, servimos com dedicado labor, pela realização desta magna sessão.

Em nome da família, expresso ao senador José Pimentel, proponente da homenagem, a gratidão pela iniciativa de distinguir, ao ensejo da transcorrência de seu centenário de nascimento, a memória de Waldemar Alcântara, cuja trajetória na política e na medicina constitui um belo capítulo da história cearense. Adversário político do senador, sempre enxerguei nele integridade e espírito público, qualidades que justificam o destaque por ele alcançado no parlamento, antes na Câmara, agora no Senado, bem assim no executivo, quando esteve à frente do Ministério da Previdência Social.

Ao senador José Sarney, contemporâneo de Waldemar Alcântara, com quem conviveu no mesmo partido, segundo subscritor da proposta, agradeço igualmente pela prontidão com que acolheu minha sugestão determinando ainda a impressão fac-similar do relatório da Comissão Coordenadora de Estudos do Nordeste – COCENE - da qual o homenageado foi coordenador geral, trabalhando ao lado dos senadores Virgílio Távora e Dinarte Mariz. Gestos assim tecem o itinerário de V.Exa. cujo longo e continuado protagonismo político constitui uma feliz combinação de fortuna e virtude.

²⁵ Discurso pronunciado na sessão especial do Senado Federal (Brasília – DF), no dia 13 de abril de 2012, em comemoração ao centenário de nascimento do ex-senador e ex-governador do Estado do Ceará, Waldemar Alcântara.

A pergunta óbvia que ocorre ao interessado em uma determinada biografia é: quem foi? E depois, por que foi?

Às duas indagações tento responder a seguir em rápido bosquejo.

A vida de Waldemar Alcântara dividiu-se entre a medicina e a política, quase que em partes iguais. Médico formado na Faculdade de Medicina da Bahia iniciou sua vida profissional em Quixadá, cidade situada no sertão central do Ceará, onde o imperador Pedro II deu início à política de combate à seca mandando construir o açude do Cedro cuja barragem é um monumento de rara beleza arquitetônica.

Poucos anos depois já estava em Fortaleza, onde ocupou sucessivamente as chefias do centro de saúde da capital e do Departamento Estadual de Saúde tendo também instalado consultório para exercer a clínica privada com foco na cardiologia.

Em paralelo, elegeu-se presidente do Centro Médico Cearense no bojo de movimento de renovação de lideranças da classe.

Como integrante da sociedade médica, coordenou o 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, no curso do qual o professor Antonio Austregésilo lançou a semente da criação de uma Faculdade de Medicina na capital do Ceará.

São ainda desse período, que antecede sua entrada na política, a fundação do Instituto do Câncer que presidiria até falecer e do Instituto dos Cegos que ajudou a fundar tendo sido um de seus presidentes. Ambas as instituições prestam hoje assinalados serviços de assistência médica e educacional como marcos referenciais em suas respectivas áreas de atuação.

A redemocratização do país abriu-lhe as portas da política. Foi eleito deputado estadual constituinte pelo PSD – Partido Social Democrático – tendo obtido a maior votação do estado e sido escolhido para líder da oposição ao governo da UDN – União Democrática Nacional – sob a égide do Des. Faustino de Albuquerque.

As eleições de 1950 trouxeram à baila um fato novo: a influência extensiva e impactante do poder econômico no processo eleitoral. Candidatos endinheirados que viviam distantes do Ceará, logo apoda-

dos de “paraquedistas”, foram eleitos na chapa federal desalojando lideranças tradicionais. Waldemar Alcântara foi uma delas. Candidato a deputado federal ficou na primeira suplência de seu partido. Mais tarde, assumiria a cadeira por morte do Deputado Walter de Sá Calvante.

Antes disso, integrou o secretariado do governador Raul Barbosa como titular da pasta da educação e saúde. Anos mais tarde, voltaria ao executivo estadual no governo de Virgílio Távora à frente da Secretaria de Saúde.

Em 1954, foi reconduzido à Assembléia Legislativa como o deputado mais votado do partido, novamente na bancada da oposição ao governo liderado por Paulo Sarasate. Para assumir a direção da Faculdade de Medicina, que exerceria por seis anos, renuncia ao mandato legislativo.

Ressalte-se que, em companhia de colegas, fundara a Faculdade de Medicina no ano de 1948. Sua decisão prendia-se à necessidade de consolidar a novel instituição que, em conversa informal comigo, julgara o feito que mais o enchera de prazer.

Essas idas e vindas refletem sua dedicação às duas devoções, a medicina e a política. É certo que mesmo sem mandato não abandonou a política, permanecendo como presidente estadual do PSD, assim como seria mais tarde da Arena, após a extinção dos partidos pelo governo militar.

Suplente do Senador Menezes Pimentel, chegou a assumir por meses o Senado, efetivando-se tempos depois na condição de suplente, pelo falecimento de Paulo Sarasate no segundo ano de mandato. Para tanto, deixa o cargo de diretor de crédito rural do Banco do Nordeste do Brasil, onde teve como colega de diretoria o maranhense Luis Carlos Bello Parga de quem me tornaria amigo e admirador de sua qualificação intelectual, quando ambos nos assentamos nesta casa.

Saúde e desenvolvimento do Ceará e do nordeste foram, entre outros, alguns dos temas de que mais se ocupou durante o mandato. Aplicado, costumava estudar os assuntos em profundidade para pro-

ferir discursos e pareceres com pleno domínio da matéria. Foi assim, por exemplo, com circunstanciado parecer que exarou ao projeto de criação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição INAN –, primeira iniciativa consistente para enfrentar o grave problema da desnutrição de nosso povo.

Inusitado, para os que só conheciam seu perfil conservador, foi sua proposta de legalização da maconha que lhe rendeu incompreensões que não o fizeram recuar do seu entendimento. Os anais do Senado registram acesos debates que travou com colegas, entre eles o Senador Rui Santos, da Bahia, médico como ele. Antecipou de anos uma discussão que hoje continua atual e inconclusa.

Reza a lenda política atribuída ora ao Senador Dinarte Mariz, ora ao Senador Darcy Ribeiro, que o Senado é o céu aonde se entra, sem a necessidade de morte prévia. Nos últimos anos, tem ardido em chamas aqui reputações insuspeitas. Esse seguramente não é um ambiente celestial. É que o dilema metafísico, se posso chamar assim, não é institucional, mas de foro íntimo, da forma como cada um constrói sua vida pública e exerce sua atuação política. Ocorre que o custo negativo de condutas individuais acaba pago por todos e enfraquecendo o parlamento.

Certa vez em, conversa informal no âmbito da família, indaguei de sua impressão sobre o Senado. Ao que me respondeu: “se você não fizer nada, ninguém te importuna. Se quiser trabalhar, o dia não chega”. Talvez por colocar tanto empenho no cumprimento de suas tarefas, abateu-o, no penúltimo ano do mandato, uma isquemia cerebral que reduziu em muito sua capacidade de trabalho.

Sem que se recuperasse plenamente da doença que o acometeu, foi ainda requisitado para o cargo de vice-governador e depois governador, quando da desincompatibilização do titular Adauto Bezerra para concorrer às eleições.

Encerrado o mandato, dá por concluída sua participação na vida pública, retirado para o convívio com a família e amigos.

Na política, como na aviação, levantar e pousar constituem dois momentos críticos da viagem. Sendo assim, terá recebido o prêmio dos deuses por ter sido feliz no início e fim da carreira, terminada em meio ao respeito dos cearenses.

Cabe agora responder como fez para galgar tantos postos de relevância na vida pública. A explicação não é fácil, nem se esgota na aceitação do destino como responsável pelos êxitos alcançados. Atribuo grande parte do seu sucesso à sua desambição, ao espírito conciliador, despreocupado de formar grupos ou facções partidárias tornando-o centro de convergência talhado para a função de dirigente partidário e liderar no meio médico. Sem ter sido um grande líder popular, triunfou por seu valor moral e consistência intelectual que o guindaram naturalmente a uma posição de liderança. Dono de forte consciência social ocupou-se sempre em promover melhores condições de vida para a parcela mais pobre da população o que aconteceu em considerável medida nas obras que deixou e na conduta irrepreensível adotada ao longo da vida. Nunca usou o poder para perseguir pessoas ou fazer fortuna. Sua vida modesta e simples é o reflexo do homem probo e austero, leal e correto, que passou incólume por tantas posições de prestígio sem se deixar arrastar pelas tentações com que acena a vida pública.

Esse é seu legado, o exemplo que leciona e aproveita aos que enveredem pelos caminhos sadios da política, um tanto desertos de homens de bem de que o país se ressente gravemente.